



## POLÍTICA INTERNACIONAL

Em cenário polarizado, eleitores voltam às urnas em 12 dias para definir as eleições presidenciais. O conservador islâmico Erdogan, que tenta o terceiro mandato, enfrentará o social-democrata Kemal Kılıçdaroglu. Analistas apostam no triunfo do atual mandatário

# Segundo turno inédito na Turquia

Há duas décadas à frente do governo da Turquia, o conservador Recep Tayyip Erdogan vive um momento político inédito e vai enfrentar um segundo turno na corrida presidencial em que tenta o terceiro mandato consecutivo. Apesar disso, Erdogan, acusado de autoritarismo, saiu-se muito melhor do que o esperado na votação de domingo — pesquisas chegaram a prever até derrota nas urnas. Segundo analistas, o mandatário, que conseguiu manter o controle do parlamento, tem condições de se reeleger em 28 de maio.

O atual presidente, do Partido da Justiça e do Desenvolvimento (AKP, islâmico-conservador), obteve 49,5% dos votos. Teve um bom desempenho no interior do país e nas províncias do Mar Negro. Seu adversário, o social-democrata Kemal Kılıçdaroglu, à frente de uma coalizão de seis partidos, obteve 44,9%, com o apoio de grandes cidades, como Istambul e Ancara.

Faltando menos de 1% dos votos para o fim da apuração, o terceiro colocado, o nacionalista Sinan Ogan, tinha 5,17%. Embora tenha desistido da candidatura, Muharem Ince ficou com 0,43%. A taxa de participação, de 88,9%, foi recorde em uma eleição presidencial.

Aos 69 anos, Erdogan foi primeiro-ministro entre 2003 e 2014, quando se elegeu presidente em primeiro turno, com 52% dos votos, na primeira votação popular para o cargo. Repetiu a performance em 2018. “Acredito, sinceramente, que vamos continuar servindo o nosso povo nos próximos cinco anos”, disse o presidente.

### Crises

A votação de domingo desmentiu as pesquisas que o colocavam praticamente empatado com Kılıçdaroglu, com possibilidade de derrota, em um contexto de grave crise econômica e de críticas pelas demoradas respostas das autoridades ao terremoto de fevereiro, que deixou mais de 50 mil mortos. Nas últimas semanas, o presidente fez diversas promessas para conter a inflação elevada que afeta o país.

“Uma assombrosa vitória para Erdogan”, afirmou o economista especializado em mercados emergentes

Timothy Ash, em uma nota. “(O presidente) Tem a fórmula mágica nessas ocasiões para conquistar (...) os nacionalistas, os socialmente conservadores e os muçulmanos”, acrescentou.

Kılıçdaroglu teve que assumir a incapacidade de superar Erdogan em um dos seus momentos de maior debilidade, ainda que esteja disposto a partir com novo ímpeto para a batalha do segundo turno. “Não se desesperem”, disse aos seus simpatizantes. “Levantaremos e ganharemos essas eleições juntos.”

Os mercados observam com cautela as orientações econômicas pouco convencionais de Erdogan e a lira turca atingiu, ontem, o seu valor mínimo frente ao dólar, enquanto a Bolsa operava em baixa. “Acreditamos que a Turquia possui um grande risco de aumentar sua instabilidade macroeconômica”, apontou a consultoria Capital Economics.

### Otimismo

Nos círculos mais nacionalistas e conservadores, o resultado era visto de outra forma. “O povo ganhou!”, apontava uma manchete do jornal *Yeni Safak*, de direita. E para o diário *Sabah*, próximo a Erdogan, o presidente ficar na primeira posição representa “um sucesso formidável”.

“Tayyip Erdogan vencerá. É um verdadeiro líder, os turcos confiam nele e tem uma visão para a Turquia”, afirmou Hamdi Kurumahmut, empregado no setor de turismo em Istambul, de 40 anos. “Há coisas que devem melhorar, na economia, na educação ou nas políticas de acolhida dos refugiados. Sabemos, porém, que ele é quem pode solucionar tudo isso”, acrescentou, em declarações à agência de notícias France Presse (AFP).

Alguns simpatizantes de Kılıçdaroglu também mantiveram uma atitude positiva. “Nem sequer quero pensar na possibilidade de que Erdogan vença”, comentou Emin Serbest. “Se Kılıçdaroglu vencer, nos espera uma época maravilhosa”, destacou o funcionário público de Istambul, de 33 anos.

Boa parte dos analistas, porém, acredita que será difícil para Kılıçdaroglu e sua aliança ganharem terreno de Erdogan nas próximas duas semanas. “É

Adem ALTAN/AFP



Apoiadores do presidente acompanham a apuração em Ancara: coligação governista mantém controle do Parlamento

Adem ALTAN/AFP



provável que o presidente se aproveite do seu forte índice de aprovação, sua surpreendente vitória no Parlamento e a vantagem que o seu cargo lhe dá para assegurar uma reeleição”, elencou Emre Peker, da consultora Eurasia Group.

### Legislativo

O resultado obtido por sua aliança nas legislativas sugere que as “questões de identidade, terrorismo e segurança tiveram sucesso com a ampla



**Não se desesperem. Levantaremos e ganharemos essas eleições juntos!”**

**Kemal Kılıçdaroglu,**  
candidato da oposição

base eleitoral de Erdogan e o ajudaram a compensar seus escassos resultados econômicos”, acrescentou.

Para o analista de riscos econômicos Anthony Skinner, o resultado das urnas nas eleições presidenciais evidenciaram a dificuldade de medir a opinião pública no país de 85 milhões de habitantes, muito polarizado. “Os resultados de muitas pesquisas de opinião pré-eleitorais não refletem a inteligência de Erdogan nem o apoio de quem segue se beneficiando no país”, indicou, acrescentando: “Isso mostra o quanto cauteloso deve ser ao observar as pesquisas antes das eleições”.

AFP



Pita Limjaroenrat, líder progressista, iniciou negociações para se tornar primeiro-ministro

## Na Tailândia, oposição reivindica vitória

O líder da oposição da Tailândia, Pita Limjaroenrat, reivindicou a vitória do partido progressista *Move Forward* (Avançar, em inglês), que poderá formar uma coalizão para afastar do poder os generais que governam o país há quase uma década. “Sou Pita Limjaroenrat, o próximo primeiro-ministro da Tailândia”, disse o candidato reformista, de 42 anos, em entrevista coletiva em Bangcoc.

A legenda registrou um resultado histórico nas eleições legislativas de domingo, nas quais concorreu com um programa de mudanças alinhado às manifestações massivas de 2020, que exigiam uma reforma da monarquia. “Era o momento certo, as pessoas suportaram demais [...] Hoje é um novo dia e espero que traga luz do sol e esperança”, disse Pita Limjaroenrat, formado em Harvard.

Analistas já preveem que suas posições a favor da alteração do polêmico artigo sobre o crime de lesa-majestade ou da eliminação do alistamento obrigatório podem causar atritos com a elite monarquista-militar, altamente

influente nas instituições.

As eleições registraram uma participação recorde de 75%. O movimento *Move Forward* conquistou 151 das 500 cadeiras da Câmara Baixa, segundo as projeções, à frente de Pheu Thai (141 deputados), a outra grande força da oposição.

Já o partido Nação Tailandesa Unida (UTN) do atual primeiro-ministro, Prayut Chan-O-Cha, ficou muito atrás, em quinto lugar, com 36 cadeiras, após permanecer nove anos no poder por um golpe em 2014. Entretanto, as complexas normas eleitorais obrigam os partidos da oposição a formar uma grande coalizão para ter acesso ao poder.

Dessa forma, todos os cenários estão sobre a mesa. Pita Limjaroenrat se adiantou e estendeu a mão à líder do Pheu Thai, Paetongtarn Shinawatra, para formar uma aliança de seis partidos. A filha do ex-primeiro-ministro Thaksin Shinawatra, no exílio, respondeu favoravelmente, abrindo caminho para constituir uma maioria com pouco mais de 300 cadeiras.

Ambos concordam que a economia tailandesa exige reformas, mas discordam em várias questões sociais, como o artigo que prevê punições severas para o crime de lesa-majestade, texto que, segundo seus críticos, tem sido perversamente utilizado para reprimir qualquer voz dissidente.

O novo primeiro-ministro será escolhido conjuntamente pelos 500 deputados eleitos da Câmara Baixa e pelos 250 membros do Senado designados pela junta de Prayut, o que favorece o exército. Assim, a oposição precisa de 376 cadeiras para contra-atacar a influência dos senadores, enquanto o lado pró-militar teria maioria garantida com apenas 126 deputados.

A história recente da Tailândia, que já viveu uma dezena de golpes de Estado desde o fim da monarquia absoluta, em 1932, tem sido marcada por uma sucessão de intervenções do exército e da Justiça em nome do respeito pelas instituições. Uma dinâmica com a qual a *Move Forward* quer acabar.